

Oportunidade para renovar

Discurso do secretário da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Osvaldo Palma, às classes produtoras do Pará, no dia 20 de janeiro, em Belém.

Meus Senhores e minhas Senhoras,

Há poucas semanas tivemos o prazer e a satisfação da companhia de empresários paraenses na missão do governador Paulo Salim Maluf ao Japão. E é sabido que os contatos que tiveram lugar em Tóquio foram altamente positivos para o vosso estado.

Devo destacar, porém, que, apesar dos resultados concretos da viagem, o grande significado da presença paraense na caravana paulista foi o de demonstrar o alcance do esforço de cooperação entre os estados que orienta o governo do Estado de São Paulo. Entendemos que os estados mais prósperos do País devem apoiar, de todas as formas possíveis, e diretamente, os esforços das demais regiões na busca do seu desenvolvimento.

Esta posição paulista não reflete idealismos ingênuos nem intenções inconfessáveis. Resulta, acima de tudo, do realismo que é a característica dos homens do meu estado. A experiência nos indica que a alternativa para a generalização da prosperidade só tende a ser o declínio eventual das regiões mais desenvolvidas.

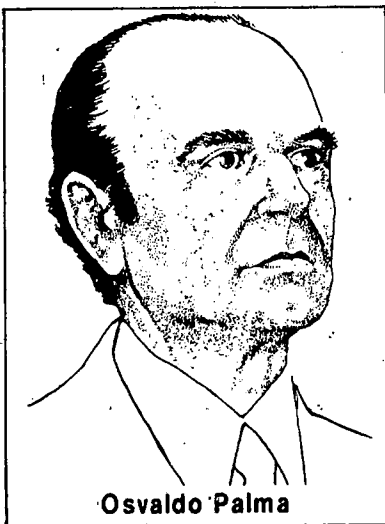
A crise econômica internacional, aliás, é uma demonstração óbvia da verdade de tal afirmação. Se de um lado decorre do impacto dos chamados choques do petróleo, de outro, sem dúvida alguma, traduz o fato de que os países mais ricos continuam resistindo à necessidade do estabelecimento de uma nova ordem econômica internacional dentro da qual os países mais pobres encontrassem os meios adequados ao seu próprio desenvolvimento.

Dois terços da humanidade incluem-se no chamado "Terceiro Mundo". Constituem-se num mercado de ilimitadas possibilidades para os países ricos. A dinamização das economias das nações menos desenvolvidas, ou em desenvolvimento, aumentando o seu potencial importador, permitiria a rápida superação da crise de produtividade e da recessão que abala as nações industrializadas.

São Paulo entende que deve contribuir para o enriquecimento das demais regiões do País para que possa, ele próprio, atingir níveis crescentemente elevados de desenvolvimento e maturidade econômica. O desenvolvimento dos meios de comunicação e transportes vai, finalmente, transformando o Brasil num grande mercado. Estamos avançando para a intensificação cada vez maior do intercâmbio entre nós mesmos.

Para os homens da minha geração, o Brasil de hoje é um milagre quando o comparamos com aquele de um passado não muito distante.

As dificuldades que ora vivemos dificultam a apreciação objetiva das



Osvaldo Palma

grandes transformações havidas. O imediato tende a prejudicar a visão histórica. Precisamos, porém, manter as nossas perspectivas do passado para sustentar perspectivas inteligentes e criativas com relação ao futuro. Devemos fazer justiça a nós mesmos e reconhecer o quanto conseguimos avançar.

Uma boa medida do nosso progresso, e das transformações estruturais ocorridas, pode ser encontrada no que vem acontecendo com o nosso comércio exterior.

Até meados da década de 60, o café representava mais da metade do valor das exportações que se haviam congelado em pouco mais de um bilhão de dólares por ano. Eramos, então, um fator pouco significativo no comércio internacional. Hoje, os manufaturados representam mais da metade das nossas exportações que evoluíram de 6 bilhões de dólares em 1973 para mais de 23 bilhões de dólares comercializados em 1981.

Exportar cada vez mais tornou-se fundamental por razões que todos conhecemos.

Em 1973 um barril de petróleo nos custava 2 dólares e 54 centavos. Em 1981 esse mesmo barril de petróleo passou a 34 dólares.

Em 1973 as importações brasileiras de petróleo somavam 605 milhões de dólares. No ano passado chegaram a 10 bilhões e 300 milhões de dólares. O número de barris importados passou de 652 mil para 830 mil. Tais cifras e valores precisam ser repetidos para que o País jamais esqueça o tremendo esforço que tivemos de realizar para nos ajustarmos às novas e inesperadas realidades. O endividamento externo que fomos obrigados a aceitar para evitarmos a parada da economia e reduzirmos ao mínimo possível os sacrifícios que tivemos de impor a nós mesmos.

Exportar cada vez mais tem significado reduzir ao mínimo possível o preço em desemprego que tivemos de pagar pelos efeitos inflacionários do choque petrolífero e das políticas que tiveram de ser adotadas para que o País, ao contrário de tantos outros, não se visse no impasse da impossibilidade de crescer e, talvez, da necessidade de aceitar o declínio do seu já reduzido bem-estar.

Abriu a economia ao mundo, pela intensificação do comércio e a atração da cooperação estrangeira,

colocou-nos na posição de podermos caminhar através da fase atual sem dúvidas quanto ao futuro.

A redução da velocidade do crescimento até níveis insatisfatórios, como os atingidos em 1981, foi inevitável. Mas foram igualmente preservadas, e até reforçadas, as condições que vão permitir uma retomada do desenvolvimento a níveis mais adequados às nossas ambições e necessidades.

Através da ênfase no setor agrícola chegaremos a ser fonte verdadeiramente poderosa de produtos agrícolas para exportação como ao atendimento das necessidades do abastecimento interno.

E a questão fundiária, de forma sutil e gradual, vai sendo resolvida, o que levará ao desenvolvimento de uma grande classe média rural, sustentáculo essencial aos sistemas democráticos de livre iniciativa. Classe média rural que será um grande mercado a estimular a dinamização do comércio e da indústria e a multiplicar as oportunidades de emprego.

O parque industrial vai-se ajustando tanto às características mutantes da demanda internacional quanto àquelas da demanda nacional.

E isto apenas para citar alguns fatos que estão ocorrendo aos nossos olhos e que, pela nebulosidade causada pelas dificuldades atuais, temos dificuldades de reconhecer.

Especificamente, com relação ao Pará, temos o grande Carajás que fará do estado uma das regiões mais prósperas do País.

Não se desconhece que o Projeto Carajás representará, no mínimo, uma receita de exportação de 10 bilhões de dólares anuais.

Significará centenas de milhares de oportunidades diretas de emprego.

Seus efeitos multiplicadores sobre o Norte, e o Brasil, serão ainda maiores e não podem sequer ser estimados.

Ele vai mudar a fisionomia da geografia econômica do Norte. Será um novo e irresistível eixo do processo de desenvolvimento do País.

Por todos os cantos, no Brasil como no exterior, já circula um novo conselho para todos aqueles que querem um futuro melhor:

"Procure-o no Norte."

Meus senhores e minhas senhoras, imagino que não poucos serão aqueles a considerar que estamos oferecendo uma visão por demais otimista do Norte em particular, e do Brasil em geral. Mas não é este o caso.

A crise que vivemos contém no seu bojo os princípios da germinação de uma economia mais poderosa e de uma sociedade finalmente justa. Germinação que só poderia ocorrer num processo doloroso como o atual.

E um momento em que precisamos todos estarmos repensando o País na busca imaginativa dos novos caminhos mais compatíveis com as nossas realidades e potencialidades. E a oportunidade para a renovação. Um instante no qual a confiança em nós mesmos, mais do que justificada pelo que já conquistamos, é fundamental para que a passagem se faça para as etapas mais altas de uma economia que, se assim o decidirmos, amadurecerá numa sociedade verdadeiramente democratizada.

Muito obrigado.